

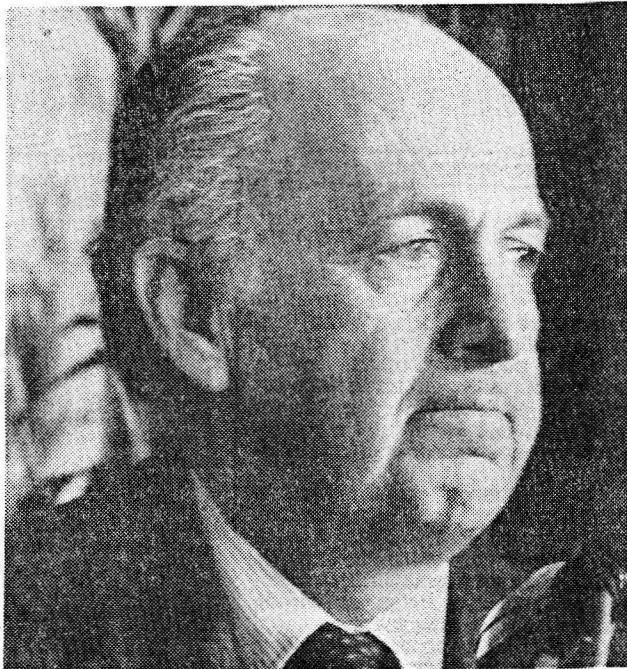
Bresser vai ouvir mais do que falar

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O ministro Bresser Pereira, da Fazenda, vai saber o que foi que levou os secretários do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, a convidá-lo para um encontro só quando conversarem, na manhã de hoje.

Essa misteriosa e imprevisível reunião deve durar no máximo duas horas, e não tem agenda definida. A expectativa do ministro é a de poder apresentar um esboço "bem geral" de

seu novo programa para a renegociação da dívida. "Ele vem mais para ouvir", garantiu uma fonte oficial brasileira. Já a expectativa de uma fonte americana é a de que Baker tenha uma nova idéia para tirar do impasse a abertura das negociações entre o Brasil e seus credores.



Edward Costa-31/07/87

Bresser, pronto para ouvir Baker

O ministro chegou no final da tarde de ontem a Washington. Veio depois de seus assessores para poder descansar e ver um filme em Nova York. E perdeu a festa da Independência da Embaixada do Brasil. Uma das surpresas foi a presença do ex-ministro João Sayad, que expli-

cou estar em Washington a negócios particulares, que teriam relação com a conversão de parte da dívida em investimento.

A visita de Bresser Pereira está programada para hoje apenas, mas ele poderá encontrar-se amanhã com o diretor-geral do FMI, Michel Camdessus. O encontro entre os dois é considerado muito oportuno, por quem está envolvido na renegociação da dívida, porque amanhã o FMI examinará o relatório sobre o Brasil, que nos últimos dias ganhou os últimos dados da economia brasileira, trazidos pelo assessor especial Fernando Dall'Acqua.

"O encontro poderá ter um impacto positivo às vésperas do exame sobre o Brasil. E nós estamos tentando promovê-lo" — contou uma fonte oficial brasileira.

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, que veio de Viena direto para Washington revelou que não haverá nenhum encontro, hoje, em Nova York com o comitê dos bancos credores.

Para Milliet, o novo programa do Brasil deverá ser melhor apresentado. Ele contou que ninguém está sabendo ainda exatamente do que trata o programa por causa da forma precipitada como acabou sendo revelado no Brasil, "mas à medida em que as pessoas vão entendendo, per-

cebem que não se trata de uma imposição brasileira, mas de uma forma de resolver o problema a longo prazo". Na Áustria, lembrou o embaixador Marcílio Marques Moreira, o plano provocou reações positivas e negativas.

A crise da dívida foi provocada pelo extraordinário aumento dos juros — explicou Milliet. Esses juros subiram a níveis duas a três vezes mais altos do que a taxa histórica, de zero a 3%, dos primeiros 70 anos deste século. Segundo ele, não se pode esperar que esta situação irregular perdure, ou que os Estados Unidos continuem com seu déficit comercial de US\$ 170 bilhões.

A proposta do Brasil, segundo Milliet, implica em transformar a dívida em títulos pagáveis a longo prazo, 30 a 35 anos, ao invés de sujeitá-la ao "cacoete do curto prazo" dos banqueiros. "As coisas que vamos pedir ao mercado não são absurdas, porque há muitos setores da área financeira dos Estados Unidos que são obrigados a pensar em termos de 30 anos."

A longo prazo, o Brasil pode pagar os juros e o principal de sua dívida, mas a curto prazo, não — e Milliet ainda lembra que um terço da dívida brasileira vence nos próximos quatro anos. A nova proposta do Brasil foi recebida com pessimismo, nos Estados Unidos.